

## 100 anos da morte de kropotkin

*nu-sol*

Há um século, morria Piotr Kropotkin em Dmitrov, na Rússia.

Nascido em Moscou em 9 de dezembro de 1842, o seu funeral foi a última grande manifestação anarquista no país durante a ditadura comunista.

A cidade de Dmitrov, onde, desde 1918, Kropotkin vivia com Sophia, sua companheira de vida, parou nos dias subsequentes à morte do anarquista. Camponeses, intelectuais, homens e mulheres de lugares distantes e da própria cidade foram até sua casa para prestar-lhe o último tributo. As crianças, a quem Kropotkin encantava com sua afeição e alegria, reuniram-se próximo ao trem que levaria seu corpo até Moscou.

Lenin e seu governo ofereceram à família apoio e todos os arranjos para o funeral desse homem que fora perseguido pela Cheka (a polícia política russa), mais de uma vez, e obrigado a se aposentar precocemente pelo regime instalado pós-Revolução. Kropotkin, entretanto, nunca buscou ou aceitou qualquer subsídio ou cargo de governos, muito menos deste, que agora procurava lhe dar atenção póstuma. Assim, seus amigos e familiares recusaram a condescendência do governo de Lenin.

Uma comissão foi formada, coordenada por Alexander Berkman, da qual fizeram parte muitos outros amigos anarquistas, como Emma Goldman, que junto com Berkman, passava uma temporada na URSS na ocasião, um pouco antes de ambos serem expulsos do país sob ameaças.

O comitê para o funeral de Kropotkin decidiu distribuir um Boletim com alguns dos textos do anarquista. O governo leninista colocou impedimentos e exigências burocráticas para tal, daí os membros do comitê resolveram a questão pela ação direta: romperam o bloqueio colocado na gráfica pela Cheka, produziram e divulgaram o material.

Nas prisões, os anarquistas proibidos de sair para o funeral, não deixaram de celebrar a vida de Kropotkin.<sup>1</sup>

Durante os dois dias em que o corpo foi velado na capital soviética, um imenso número de pessoas tomou as ruas, e se manifestou ruidosamente contra o governo de Lenin e sua ditadura bolchevista. Kropotkin mais uma vez empolgou o fogo anarquista. Foi a última vez que a bandeira negra foi hasteada em Moscou<sup>2</sup>.

Ver, em especial, hypomnemata 168 de julho de 2014, "Ciência, apoio mútuo e anarquia". Disponível em: <http://www.nu-sol.org/blog/hypomnemata-168>.

## Notas

<sup>1</sup> Segundo relato de Emma Goldman em *Living My life*, 1931.

<sup>2</sup> Paul Avrich. *Los anarquistas rusos*. Tradução de Leopoldo Lovelace. Madrid, El Libro del Bolsillo Alianza Editorial, 1967.

***100<sup>th</sup> anniversary of the death of Kropotkin, Nu-Sol.***